

Imagens insurgentes: escritivências audiovisuais de cineastas negras como fios de uma formação antirracista e antissexista

Imágenes insurgentes: escritivencias audiovisuales de cineastas negras como hilos de una formación antirracista y antissexista

Thiago Renan Figueira Dutra¹
Adilbênia Freire Machado²

Resumo: Este artigo investiga as escritivências de cineastas negras brasileiras como dispositivos centrais na produção de conhecimentos para uma formação docente antirracista e antissexista. O estudo articula as dimensões éticas, estéticas e políticas das imagens, utilizando as trajetórias de Adélia Sampaio (1974 - 2018), Viviane Ferreira (2008 - 2023) e Edileuza Penha de Souza (2013 - 2023) para confrontar o racismo e o epistemicídio no campo educativo. Diante da lacuna entre a obrigatoriedade da Lei n.º 10.639/2003 e a escassez de materiais que integrem o cinema negro feminino à docência, a pesquisa realiza uma revisão de literatura sensível e comprometida. Os resultados demonstram que essas tramas visuais afiorreferenciam currículos e fortalecem reexistências pedagógicas, revelando que as vozes dessas mulheres são capazes de moldar realidades e inspirar novas práticas educativas. **Palavras-chave:** Cinema negro feminino; formação docente; pedagogias afiorreferenciadas; currículos antirracistas e antissexistas.

Resumen: Este artículo investiga los escritos de cineastas negros brasileños como dispositivos centrales en la producción de conocimientos para una formación docente antirracista y antissexista. El estudio articula las dimensiones éticas, estéticas y políticas de las imágenes, utilizando las trayectorias de Adélia Sampaio (1974 - 2018), Viviane Ferreira (2008 - 2023) y Edileuza Penha de Souza (2013 - 2023) para confrontar el racismo y el epistemicidio en el campo educativo. Ante la brecha entre la obligatoriedad de la Ley n.º 10.639/2003 y la escasez de materiales que integran el cine negro femenino a la docencia, la investigación realiza una revisión de literatura sensible y comprometida. Los resultados demuestran que estas tramas visuales afiorreferencian currículos y fortalecen reexistencias pedagógicas, revelando que las voces de estas mujeres son capaces de moldear realidades e inspirar nuevas prácticas educativas.

Palabras clave: Cine negro femenino; formación docente; pedagogias afiorreferenciadas; currículos antirracistas y antissexistas.

Adentrando: entre linhas, nós e reexistências³

A educação brasileira, tecido antigo e marcado por desfiamentos coloniais, ainda carrega tramas rígidas do eurocentrismo e do patriarcado. Em suas dobras, persistem

¹ Professor Substituto no Colégio Pedro II / Professor efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Japeri. Mestre em Educação (UFRRJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4344678116332217>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3135-5579>. E-mail: professorthiagodutra@gmail.com

² Professora Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutora em Educação (UFC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1983904257583624>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3226-2139>. E-mail: adilbenia@ufrj.br

³ Este artigo é derivado da pesquisa desenvolvida ao longo do mestrado do autor, da qual retoma e adapta dados e categorias analíticas apresentados na dissertação "Cinema negro em cena: vozes-mulheres tecendo uma pedagogia afiorreferenciada e transgressora", orientada pela coautora. A versão integral do trabalho encontra-se disponível no Repositório Institucional da UFRRJ (RIMA), com acesso em: 10 jan. 2026.

costuras malfeitas do racismo e do sexismo estrutural, como cicatrizes bordadas à força em nossos cotidianos escolares. Contudo, desde as agulhadas poéticas das Leis 10.639/03 e 11.645/08, somos chamados/as a alinhar — com memória e justiça — os fios vivos das histórias afro-brasileiras e indígenas em nossos currículos, como um gesto de reencantamento do pano educativo. Reencantar a educação é urgente, pois encantamento traz implicações, comprometimentos políticos, éticos, estéticos para nossa relação com o mundo.

Porém, sabemos que essa não é uma costura simples. Não basta aplicar retalhos sobre moldes antigos: é preciso descosturar as bases e redesenhar e desenhar outros moldes para a formação docente. Nesse ateliê de transformação, o cinema negro feminino se apresenta como uma agulha encantada — aquela que fura, mas também cura. Suas imagens insurgentes tensionam tecidos coloniais da educação, rasgando silêncios e reconstituindo memórias com linhas de afeto, denúncia, ancestralidade e encanto (hooks, 2017; Macedo, 2010; Machado, 2019).

Ao desfiar o campo acadêmico e seu bordado cinematográfico, notamos uma ausência gritante: onde estão os pontos que costuram o cinema negro feminino à formação docente? Mesmo diante da potência das narrativas visuais criadas por mulheres negras — escrituras audiovisuais vivas, repletas de cor, subjetividades e beleza —, ainda há um ponto solto, um vão na malha curricular e investigativa.

É nessa perspectiva que emergem trajetórias fundamentais do cinema negro feminino brasileiro. A pioneira Adélia Sampaio, primeira mulher negra a dirigir um longa-metragem no país, abriu caminhos em meio ao silenciamento estrutural da indústria audiovisual. Em continuidade, Viviane Ferreira tensiona as narrativas contemporâneas ao colocar mulheres negras no centro da cena, articulando estética, política e memória. Já Edileuza Penha de Souza, com sua travessia entre educação e cinema, transforma a imagem em gesto pedagógico e curatorial, afirmando o audiovisual como espaço de formação, afeto e reexistência. É com essas vozes-mulheres que este artigo dialoga e se constrói.

Essa lacuna, como nos ensinou Sueli Carneiro (2023), não é mero acaso: é corte preciso, é epistemicídio. Nesse sentido, a ausência de estudos que entrelacem essas imagens com práticas formativas revela uma urgência — um chamado a bordar, com consciência e ternura, uma pedagogia que reconheça a reexistência como método, estética e política, ou seja, uma pedagogia reexistente e encantada. É com esse fio que

este artigo se propõe: pensar o cinema negro feminino como dispositivo de formação antirracista, antissexista e afroreferenciado que circula e ganha vida nas diversas redes educativas que formamos e que nos formam.

Para isso, realizamos uma revisão integrativa da literatura de caráter exploratório e analítico, articulada a uma análise da trajetória fílmica de três cineastas negras centrais para o cinema brasileiro contemporâneo: Adélia Sampaio (1974 - 2018), Viviane Ferreira (2008 - 2023) e Edileuza Penha de Souza (2013 - 2023). Nessa perspectiva, compreendemos o cinema como um arquivo vivo, tecido por experiências, memórias e pedagogias insurgentes.

Como parte desse percurso, investigamos a presença do cinema negro feminino na produção acadêmica por meio de buscas na plataforma SciELO e no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, a fim de identificar aproximações com campo da formação docente. Essa metodologia, ancorada na análise documental e na revisão integrativa da literatura, foi guiada por uma escuta atenta às lacunas do campo e por um compromisso ético que recusa tratar os dados como abstrações neutras, entendendo-os, antes, como pontos que revelam apagamentos e emergências.

Ao costurar teoria, imagem e prática, buscamos mostrar como vozes-mulheres negras seguem alinhavando mundos — desafiando violências e bordando futuros possíveis para a educação brasileira. E é por isso que reivindicamos escrevivência, pois esse conceito de Conceição Evaristo tem as vozes-mulheres negras como pano de fundo, vozes que denunciam e acordam a casa grande:

Eu poderia dizer que esse conceito estético que está fundado no termo que eu uso, “escrevivência”, nasce de um processo muito ligado à História. A História dos africanos nas Américas. Muito relacionado à própria figura da mulher, que era escravizada dentro da Casa Grande. [Eu disse em um seminário no Rio de Janeiro, numa mesa de autoria negra de mulheres], **a nossa escrevivência não é para adormecer os da Casa Grande e sim para acordá-los dos seus sonhos injustos.** Por quê? O pano de fundo era justamente essa imagem que teve a mãe preta na colonização. Um dos papéis dessa mulher era justamente contar histórias para adormecer a prole colonizadora. É uma mulher que a palavra dela ainda era marcada pelo processo da escravidão. Ela era obrigada a acalantar os meninos da Casa Grande, contando histórias. Eu imagino, eu projeto essa nossa escrita, essa autoria negra, tendo justamente uma função contrária. (Evaristo, 2018, [s.p.], grifos nossos).

Esta fala de Conceição Evaristo desloca radicalmente o lugar da escrita ao reinscrevê-la como gesto histórico, político e estético. A escrevivência, nesse sentido, não emerge como mero conceito literário, mas como prática insurgente que tensiona a memória colonial e reconfigura o papel da palavra. Se, no contexto da escravização, a voz da mulher negra foi instrumentalizada para acalentar e sustentar a ordem da Casa Grande, hoje ela se reposiciona como força de ruptura, isto é, uma palavra que não mais adormece, mas desperta, denuncia e desestabiliza.

Esse movimento evidencia uma virada ética na produção de conhecimento e na própria noção de autoria: escrever passa a ser um ato de reivindicação de existência, de reinscrição de si e de sua coletividade na História. As vozes-mulheres negras, ao tecer suas experiências, produzem fissuras nas narrativas hegemônicas e instauram outras possibilidades de ver, sentir e ensinar o mundo. Trata-se de uma escrita que carrega marcas, memórias e afetos, mas, sobretudo, que projeta futuros — bordados a partir da resistência e da imaginação.

Encerrar esta seção com a escrevivência é, portanto, reafirmar um compromisso epistemológico e político com práticas educativas que não apenas reconheçam essas vozes, mas que se deixem atravessar por elas. Afinal, ao invés de apaziguar consciências, é na potência do incômodo, do deslocamento e do despertar que se inscrevem caminhos possíveis para uma educação verdadeiramente transformadora.

Das imagens que insurgem: escrevivências audiovisuais

O cinema, como tela e tear, há muito tem sido enredado por fios eurocentrados, narrativas embranquecidas e costuras que ignoram as cores da diversidade. Nesse cenário, o cinema negro feminino surge como bordado ousado — uma trama que insiste em existir com seus próprios pontos, cores e texturas, um cinema escrevivente que acorda a casa grande, resistindo e reexistindo através de dimensões estéticas e poéticas que tensionam o real. Como ensina bell hooks (2017), trata-se de uma reexistência que inscreve no pano da história outras possibilidades de ver, sentir e narrar.

Tendo em vista esse cenário, mulheres negras, ao empunharem câmeras como agulhas, rompem os moldes impostos e bordam suas vozes com imagens que sangram e encantam. Da coragem inaugural de Adélia Sampaio, primeira mulher negra a dirigir um longa-metragem no Brasil, aos fios contemporâneos de Viviane Ferreira e Edileuza

Penha de Souza, vemos um movimento de retomada — de quem costura o próprio lugar na história com mãos firmes, olhos atentos e linhas fortes e macias. Ainda assim, essas obras, mesmo quando premiadas e ovacionadas, permanecem nas bainhas esquecidas da academia e dos currículos, como se não coubessem nos moldes já prontos.

Essa ausência não é neutra: é uma recusa epistemológica, um rasgo intencional, um ponto desfeito pelas estruturas do epistemicídio (Carneiro, 2023). Não se trata somente de invisibilizar criações artístico-culturais; trata-se de silenciar saberes, de desfazer fios que sustentam uma pedagogia plural, libertadora, afrorreferenciada. Reivindicamos o pensamento afrorreferenciado, porque esse conceito nos convida a pensar nas referências afro-indígenas que tecem o nosso cotidiano, fortalecendo-as como produção intelectual legítima. Compreendemos que essas referências tecidas pela ancestralidade, pelo encantamento, ou seja, movimentos de resistências e reexistências, reivindica um pensamento, uma educação delineada por currículos que reconhecem corpos negros como produtores de conhecimento, por isso, chama-nos por inteiros para sala de aula, reconhecendo que o gesto de ensinar carrega memórias, vibrações, responsabilidade e comprometimento como nosso estar no mundo. Uma educação alinhavada por currículos afrorreferenciados valoriza nossos saberes e fazeres do/no cotidiano, é espaço de escuta sensível, ético e por isso transgressor, se recusando a hierarquizar saberes, culturas, as próprias pessoas, inclusive.

Ao realizar um levantamento nas bases de dados acadêmicas — Plataforma SciELO e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES —, identificamos um cenário que se assemelha a um tear abandonado: uma escassez de artigos, dissertações e teses; poucos trabalhos que entrelacem o cinema negro feminino à formação docente. Os que existem, em sua maioria, focam em aspectos estéticos ou históricos, sem costurar, de fato, o potencial pedagógico dessas obras no combate ao racismo, ao sexismo e ao epistemicídio.

Mais que isso, ao se buscar cinema negro, em grande medida, as respostas dão relevo somente às produções sobre autorias masculinas. Para tornar visível esse vazio, propomos a apresentação de duas tabelas:

Tabela 1: Panorama de artigos científicos sobre o cinema negro (2008-2021).

Título do trabalho	Autoria	Ano
Uma imagem de afirmação positiva do ibero-ásio-afro-ameríndio na dimensão pedagógica do Cinema Negro	Prudente, Celso Luiz	2021
“A terra é circular”: cosmologias afro-atlânticas e ação política no filme Ôrí	Silva, Vagner Gonçalves da	2023
Os cinemas negros brasileiros e a transformação da imagem: percursos de um termo estético-político	Rodrigues, Anthony	2022
O cavaleiro negro em Tropa de Elite: arquétipos, dispositivos e imaginários	Matos, Marcus V.A.B. De	2021
Novas formas de visibilidade: representações de gênero e raça no audiovisual em Goiás	Ferreira, Ceíça; Carvalho, Clarissa	2021
Cinema negro feminino, estética e política na formação de professoras: uma experiência com o filme Kbelá	Rosa, Fábio José Paz da	2021
O filme curto na democracia brasileira	Maia, Paulo	2020
Dogma feijoada: a invenção do cinema negro brasileiro	Carvalho, Noel dos Santos; Domingues, Petrônio	2018
A representação do negro em dois manifestos do cinema brasileiro	Carvalho, Noel dos Santos; Domingues, Petrônio	2017
Mulheres negras, religiosidades e protagonismos no cinema brasileiro	Montoro, Tânia; Ferreira, Ceíça	2014
Imagem, raça e humilhação no espelho negro da nação: cultura visual, política e “pensamento negro” brasileiro durante a ditadura militar	Santiago Júnior, Francisco das Chagas Fernandes	2012
O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira	Araújo, Joel Zito	2008

Fonte: Elaborado pelo autor (Dutra, 2025)

Tabela 2: Panorama de teses e dissertações sobre o cinema negro (2008-2023)

Tipo de trabalho	Título do trabalho	Instituição/ Programa	Autoria	Ano
Tese	Representações cinematográficas ensinando sobre o índio brasileiro: de selvagem a herói nas tramas de império	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.	Paes, Maria Helena Rodrigues	2008
Dissertação	Narrativas Para Alteridade: o cinema na formação de	Universidade Estadual de Maringá.	Felipe, Delton Aparecido.	2009

	professores e professoras para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica'	Programa de Pós-Graduação em Educação		
Tese	Cinema na panela de barro: mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade	Universidade de Brasília Faculdade de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação	Souza, Edileuza Penha de	2013
Dissertação	Cinema Negro na Educação: as materialidades da imagem de autoafirmação no processo de descolonização em "a dialética do amor	Universidade Federal de Mato Grosso Instituto de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação	Lobo, Mory Marcia de Oliveira	2017
Dissertação	A imagem de afirmação de professoras da educação básica: uma discussão mediada pela dimensão pedagógica do cinema negro	Universidade Federal de Mato Grosso Instituto de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação	Périgo, Agnaldo	2018
Dissertação	O íbero-ásio-afro-ameríndio e a dimensão pedagógica do cinema negro: pontos reflexivos para análise da construção de uma autoimagem	Universidade Federal de Mato Grosso Instituto de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação	Santos, Everaldo Silva	2019
Dissertação	Trajetórias de cineastas negras brasileiras	Universidade Federal de Minas Gerais Programa de Pós-Graduação em Educação - Conhecimento e Inclusão Social	Costa, Letícia Souza Ribeiro da	2020
Dissertação	Corpos negros fora do armário: potencialidades pedagógicas dos filmes negrume e o arco do tempo	Universidade de Brasília Instituto de Artes Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais	Mesquita, Marcus Vinicius Azevedo de	2021
Dissertação	Afrocinemusicalidade: perspectivas de uma ação didático-pedagógico-identitária no ensino médio	Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais	Ventura, Helio Lucio dos Reis	2021
Dissertação	Educação Antirracista, Cinema Negro e Cinema Negro Feminino brasileiro: estereótipos e resistências	Universidade Federal de Jataí Programa de Pós-Graduação em Educação	Oliveira, Rosangela Mendonça de	2022

Dissertação	Entre griots, cineastas e professores - educação como trajetórias de nós	Universidade do Estado do Rio de Janeiro Faculdade de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação	Correa, Marco Aurélio da Conceição	2022
Dissertação	Pedagogias culturais no filme narciso rap para uma educação antirracista	Universidade Estadual de Maringá Programa de Pós-Graduação em Educação	Camargo, Janete Santos da Silva Monteiro de	2023
Dissertação	Mostra Internacional De Cinema Negro: A Educação nas Relações Étnico-Raciais para além da euroheteronormatividade	Universidade Federal de São Paulo Programa de Pós-Graduação em Educação	Prudente, Ana Vitoria Luiz e Silva	2023

Fonte: Elaborado pelo autor (Dutra, 2025)

A partir desses dados, é possível observar que, dos 12 artigos encontrados neste período, apenas 3 deles abordam diretamente o cinema negro feminino como solo fértil para repensar outras formas de produção e ensino crítico pelas imagens. Ademais, ao observar as produções advindas da pós-graduação stricto sensu, percebe-se que, embora existam diversas pesquisas que articulam cinema negro e educação, são ainda escassos os estudos que se dedicam especificamente ao cinema negro feminino como dispositivo formativo.

Nesse recorte mais específico, identificamos apenas uma tese e uma dissertação que abordam diretamente essa intersecção, o que evidencia uma lacuna importante no campo. Esses registros evidenciam, portanto, a necessidade de costurar com urgência e cuidado esse vazio investigativo que persiste: como se diz na costura ancestral, é preciso pegar o pano pela beirada e alinhar de novo, com outro ponto, outro tempo.

Esse cenário não apenas evidencia uma lacuna quantitativa, mas revela um problema qualitativo: a dificuldade da academia em reconhecer o cinema negro feminino como dispositivo formativo. Tal ausência compromete a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a educação das relações étnico-raciais, mantendo currículos distantes das experiências e epistemologias negras.

Mas por que o cinema negro feminino importa tanto nesse fazer pedagógico? Porque ele oferece fios potentes de transformação:

1. Contra o racismo, pois suas imagens denunciam violências e tensionam estruturas. Ao mesmo tempo, costuram novas representações — plurais, complexas, afirmativas.
2. Contra o sexismo, pois apresentam mulheres negras em suas potências e vulnerabilidades, rompendo com moldes que as reduzem ou silenciam.
3. Contra o epistemicídio, pois celebram saberes outros, costuram oralidades, ancestralidades, espiritualidades e memórias que não cabem nos cânones hegemônicos. Cada obra é um ponto forte numa colcha que resiste ao apagamento e ao tempo.

Ademais, a análise da Tabela 2 evidencia a centralidade dos programas de pós-graduação em Educação na produção *stricto sensu* sobre a temática, concentrando a maioria dos trabalhos e indicando que é nesse campo que o cinema negro — e, em menor medida, o cinema negro feminino — tem encontrado maior acolhimento como objeto de investigação e prática formativa. Esse cenário revela, simultaneamente, a potência da Educação como espaço de articulação entre imagem, cultura e transformação social e uma concentração ainda pouco expandida para outras áreas, como cinema, artes e comunicação, o que reforça a necessidade de ampliar o debate de forma interdisciplinar e de tensionar os espaços de legitimação acadêmica. Nesse sentido, tais produções não apenas constroem representações: elas tecem mundos, evidenciando uma potência criativa que a academia precisa reconhecer, acolher e cultivar.

Entretanto, ao deslocarmos o olhar para a educação brasileira, percebemos que essas tramas ainda encontram um tecido marcado por desfiamentos coloniais. A rigidez do eurocentrismo e do patriarcado persiste, sustentando costuras atravessadas pelo racismo e pelo sexismo estrutural, que se manifestam como cicatrizes em nossos cotidianos escolares. Ainda assim, com as agulhadas políticas das Leis 10.639/03 e 11.645/08, abre-se a possibilidade de alinhar, com memória e justiça, os fios das histórias afro-brasileiras e indígenas nos currículos, tensionando as bases desse tecido formativo.

Diante disso, a educação para as relações étnico-raciais demanda a construção de práticas sensíveis e de uma escuta ética, inclusiva, transversal e horizontal, em que os saberes sejam compartilhados e reconhecidos em sua pluralidade, sem

hierarquizações, conforme propõe a pedagogia/filosofia ananseana (Machado, 2023). Contudo, essa costura não se faz por sobreposições superficiais: exige descosturar estruturas, revisar moldes e redesenhar os contornos da formação docente. É nesse movimento que o cinema negro feminino emerge como uma agulha encantada, capaz de tensionar, perfurar e, ao mesmo tempo, curar.

Isso se torna ainda mais urgente quando consideramos que a formação docente no Brasil, frequentemente marcada por modelos rígidos e pouco atentos às complexidades da vida, ainda opera sob moldes estreitos, técnicos e monorreferenciados, que silenciam as vozes ditas periféricas e os saberes do cotidiano, atuando como uma peça sem escuta. Ao desconsiderar as intersecções de raça, gênero, território e afetos, essa formação revela um esvaziamento pedagógico que desafia possibilidades. Assim, incorporar o cinema negro feminino nesse processo não é apenas uma escolha metodológica, mas um gesto político de reconfiguração dos modos de ensinar, aprender e existir na educação.

Essa ausência de escuta se evidencia quando ignoramos que os corpos, as experiências e as memórias também são arquivos vivos de conhecimento. Nesse sentido, Dona Maria Toinha — Maria Moura dos Santos (2020) —, em sua sabedoria ancestral registrada na obra *A mística dos encantados*, transcrita por seu neto Marcos Andrade dos Santos (2020), nos convoca a repensar o próprio ato de ouvir e de produzir conhecimento. Para ela, as marcas do corpo falam, narram e ensinam, exigindo de quem educa uma escuta sensível, atenta e ética:

Olho para o meu rosto, com a ajuda das minhas mãos sinto as marcas que se escavaram como o tempo. Estas marcas são provas do que me aconteceu... são o registro do tempo na minha pele. Estas marcas contam as minhas histórias de um jeito melhor do que eu poderia dizer. Escute-as, antes de escrever. Elas dirão aquilo que minha voz não é capaz de falar (Santos; Santos, 2020, p. 24).

A fala de Dona Maria Toinha desloca o centro da escuta para além da palavra dita, reconhecendo o corpo como território de memória, experiência e saber, e nos lembra que educar, antes de tudo, exige disposição para escutar aquilo que nem sempre se diz — mas que insiste em se mostrar. É justamente a partir dessa ética da escuta que se torna possível tensionar os modos tradicionais de formação docente, abrindo espaço para outras epistemologias e sensibilidades. Essa perspectiva nos obriga a deslocar o eixo da

formação docente de uma lógica instrumental para uma ética da escuta, onde ensinar passa a ser também reconhecer os corpos como arquivos vivos de saber.

Nesse horizonte, Roberto Sidnei Macedo (2010), pesquisador brasileiro que faz da escuta e da partilha um chão ético para pensar currículo e formação docente, já denunciava a fragilidade das licenciaturas frente à implementação efetiva da Lei 10.639/03. Ele, que concebe o dispositivo de formação não como algo técnico ou instrumental, mas como um campo sensível de transgressão e reencantamento do mundo (Macedo, 2010, p. 111), aponta para a necessidade de um fazer educativo que se configure como um método aberto, sempre em movimento, disposto ao inacabado. É nesse espaço de falta, nesse terreno fértil para o imprevisível, que o cinema negro feminino pode ser inserido como agulha e linha, um potente dispositivo de formação, germinando vozes plurais, diversas.

Na esteira dessas conquistas, fortalece-se o vínculo entre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (Brasil, 2004) e o que bell hooks (1994), teórica feminista negra de grande relevância, chama de uma educação transgressora — aquela que ensina como quem liberta, que escuta como quem cuida, que reconhece as dores da história e as transforma em possibilidade. Para a autora, a sala de aula é território de esperança, lugar onde as experiências ganham centralidade e onde as feridas podem ser nomeadas. Como afirma a autora: “O ato de ensinar é um ato de esperança, de fé na possibilidade de mudança” (hooks, 1994, p. 207).

Essa concepção dialoga com a pedagogia de Paulo Freire (1997), que compreende o ato de ensinar como compromisso amoroso e histórico com a transformação do mundo. Para ele, “ensinar exige esperança” e a desesperança seria uma forma de silêncio, de rendição (Freire, 1997, p. 92), lembrando-nos que ser uma pessoa educadora é, acima de tudo, manter acesa a chama do possível, é cultivar encantos. É nesse germinar que mora o pensamento afrorreferenciado.

Essa fé se materializa no diálogo — não como técnica, mas como prática afetiva e política que atravessa fronteiras e desmonta as barreiras impostas por raça, gênero, classe e outros marcadores sociais (hooks, 2013, p. 174). É nesse horizonte que se insere a proposta de entrelaçar educação das relações étnico-raciais, cinema negro feminino e currículo afrorreferenciado — entendendo o cinema como um instrumento potente de emancipação de subjetividades racializadas. Esse entrelaçamento se ancora na noção

de afrorreferência, tal como formulada pelas educadoras e pesquisadoras Adilbênia Freire Machado (2018), Sandra Haydée Petit (2016) e Maria Kellynia Farias Alves (2016). Juntas, elas nos convidam a pensar a educação como um lugar de encruzilhada — onde se encontram ancestralidade, encantamento, corpo, território e afeto.

A perspectiva afrorreferenciada que se delineia neste trabalho não é neutra, não é técnica, não é fria. É viva. E nasce do chão da escola pública, das encruzilhadas da universidade com os movimentos sociais, dos corpos que ensinam e aprendem com os pés no terreiro, com os olhos atentos ao presente e com o coração plantado na ancestralidade. Não se limita à inclusão de conteúdos sobre negritude, mas implica transformar os modos de ensinar, de aprender, de existir. É fazer da educação um território de cura e reexistência, um pensamento que ressoa com a cosmopercepção de pensadores como Nêgo Bispo, importante intelectual quilombola, ao enfatizar a importância da ancestralidade e dos saberes tradicionais.

Nesse cenário, pensar a partir da afrorreferência é pensar de corpo inteiro, reconhecendo que o gesto de ensinar carrega memória, vibração e responsabilidade, tecendo currículos e construindo uma educação que valoriza e potencializa nossas percepções e vivências, enraizadas em matrizes africanas e indígenas, em seus valores e encantos que atravessam o cotidiano e compartilham o vínculo com a terra como chão primeiro. O currículo afrorreferenciado, assim, se apresenta como espaço de escuta, de afeto e de transgressão.

Diante disso, ele se recusa a hierarquizar saberes e aposta na experimentação como prática de transformação, tecendo colchas de conhecimentos como colchas de retalhos. Ao afirmar que “os saberes são diferentes, e não melhores ou piores”, Adilbênia Machado (2022, p. 55) nos desafia a cultivar a horizontalidade como princípio. Sandra Petit (2016) reforça essa perspectiva ao destacar o papel do território e das comunidades negras como fundamentos de uma formação docente que se quer sensível, insurgente e enraizada. Kellynia Farias (2020), por sua vez, destaca os deslocamentos que ocorrem quando epistemologias negras são colocadas em diálogo com o currículo, provocando reordenações nos modos de ser professor/a, ser estudante, ser sujeito/a.

A afrorreferência, tal como pensada por Adilbênia Machado (2022), Sandra Petit (2016) e Kellynia Farias (2020) costura com a encruzilhada, com a soma, com o convite, com o germinar. Não busca substituir um centro por outro, mas construir redes de sentidos, múltiplas centralidades e pedagogias que se movem.

Diante desse cenário, torna-se urgente não apenas reconhecer essas produções, mas incorporá-las como práticas formativas concretas. O cinema negro feminino, nesse sentido, não opera apenas como representação, mas como dispositivo pedagógico capaz de tensionar currículos, promover identificação e ampliar repertórios críticos na formação docente.

Nesse horizonte, destacamos três obras fundamentais do cinema negro feminino brasileiro como caminhos formativos: *Amor Maldito* (1984), de Adélia Sampaio, primeiro longa-metragem dirigido por uma mulher negra no país e marco do audiovisual brasileiro, ainda que sem protagonismo de mulheres negras; *Um dia com Jerusa* (2020), de Viviane Ferreira, estrelado por Léa Garcia, que resgata memórias e experiências negras; e o documentário *Filhas de Lavadeiras* (2019), de Edileuza Penha de Souza, que evidencia trajetórias de mulheres negras atravessadas pela luta de suas mães pelo acesso à educação.

Ou, como propõe Adilbênia Machado (2017), tais obras podem ser compreendidas como Odus, sentidos que apontam destinos, mas também anunciam reinícios. Cada plano, cada gesto e cada corpo em cena carrega a força de uma pedagogia ancestral, fincada no axé, na oralidade e na memória coletiva. Nesse contexto, os Odus operam como uma metodologia de escuta sensível, convocando a pessoa educadora a estar por inteiro, em corpo, tempo e presença, em diálogo com as forças que a antecedem.

Adélia Sampaio nasceu em Belo Horizonte, em 1944, e foi a primeira mulher negra a dirigir um longa-metragem de ficção no Brasil. Seu filme *Amor Maldito* (1984) enfrentou a censura da Ditadura e o silêncio imposto às histórias de mulheres negras e lésbicas. Adélia Sampaio aprendeu cinema nos bastidores, como montadora, maquiadora e produtora. Sem apoio do Estado, ainda assim nunca deixou de filmar. Fez do cinema um gesto de coragem, afeto e resistência. Aos 80 anos, segue viajando com suas obras e inspirando gerações — com sua voz firme, sua escuta generosa e sua fé na imagem como encontro. Abaixo, apresento a imagem e a minibiografia dessas três cineastas negras que iluminam e sustentam esta travessia.

Figura 01 - Imagem de Adélia Sampaio



Reprodução fotográfica: Ricardo Borges/FolhaExpress

A seguir, apresentamos o quadro com a filmografia selecionada de Adélia Sampaio. Essas obras compõem não apenas um percurso técnico, mas um caminho de resistência e enunciação.

Tabela 3 - Produções selecionadas de Adélia Sampaio (1974 - 2018)

Ano	Título da obra	Comentários
1974	O Segredo da Rosa	Atuou na produção executiva, assistência de fotografia e coautoria do roteiro. Direção de Vanja Orico.
1979	Denúncia Vazia	Curta-metragem de estreia como diretora, baseado em uma história real de um casal de idosos que se suicidou após receber uma denúncia infundada.
1980	Parceiros da Aventura	Atuou na produção. Direção de José Medeiros.
1980	Ele, Ela, Quem?	Atuou na produção. Direção de Luiz de Barros.
1980	Adulto Não Brinca	Curta-metragem dirigido por Adélia Sampaio.
1981	...Agora um Deus Dança em mim	Curta-metragem dirigido por Adélia Sampaio.
1982	Na Poeira das Ruas	Curta-metragem dirigido por Adélia Sampaio.
1984	Amor Maldito	Primeiro longa-metragem de ficção dirigido por uma mulher negra no Brasil, Adélia Sampaio. Ele aborda o preconceito enfrentado por um casal de mulheres em meio à repressão familiar e institucional.
1987	Fugindo do Passado: Um Drink para Tetéia e História Banal	Longa-metragem documental dirigido por Adélia Sampaio que reflete sobre dor, silêncio e memória durante a ditadura militar.
2001	AI-5 – O Dia Que Não Existiu	Curta-metragem dirigido por Adélia Sampaio e co-dirigido com Paulo Markun faz uma denúncia audiovisual sobre o regime militar.
2018	O Mundo de Dentro	Curta-metragem dirigido por Adélia Sampaio que estreou no Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo; monólogo sobre a ditadura e a política contemporânea.

Fonte: Elaborado pelo autor (Dutra, 2025)

Essa filmografia é mais do que uma lista: é testemunho. Ela registra a força de uma mulher negra que escolheu permanecer quando tudo parecia tentar silenciá-la. Cada obra é costura que desafia o apagamento. Se Adélia Sampaio abriu caminhos em meio ao concreto, Viviane Ferreira surge como continuidade e reexistência, renovando a luta com outras imagens e afetos. Nascida em Salvador, em 1985, Viviane Ferreira é uma das poucas mulheres negras a dirigir um longa de ficção no Brasil.

Figura 02: Imagem de Viviane Ferreira



Reprodução: Marcus Leoni/Itaú Cultural

Advogada por formação, cineasta por escolha política, ela transforma o cinema em ferramenta de luta, cuidado e memória. Fundadora da Odun Filmes e uma das vinte pessoas cineastas que, em 2015, deram origem à Associação de Profissionais do Audiovisual Negro (APAN), Viviane Ferreira cria histórias que colocam mulheres negras no centro da cena — com beleza, escuta e complexidade. Sua trajetória se inscreve no movimento mais amplo de disputa por narrativas, imagens e lugares de autoria no audiovisual brasileiro, tensionando as formas hegemônicas de representação e produção que historicamente marginalizam corpos, vozes e experiências negras, em especial as femininas.

É imprescindível destacar que a criação da APAN, como informa a página inicial de seu site oficial, nasce da urgência de pessoas negras realizadoras do cenário audiovisual de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador em se organizarem para enfrentar um processo histórico de negação de existências, corpos, vozes e obras negras nos espaços de poder e de tomada de decisão no setor. Ao mesmo tempo, a

associação se constitui como um espaço de articulação política e de proposição de políticas públicas, atuando para transformar as estruturas que regulam quem pode produzir, circular e permanecer no cinema e no audiovisual no Brasil.

Em *Um Dia com Jerusa* (2020), Viviane Ferreira mostra como o cotidiano pode ser espaço de afeto, memória e ancestralidade, construindo uma narrativa que valoriza o tempo miúdo, os gestos e as relações como territórios de resistência. Seu cinema é um chamado coletivo: produzir imagens é também resistir, ensinar e sonhar. Por isso, suas obras não apenas contam histórias, mas abrem diálogos e fissuras para novas formas de pensar, sentir e viver o cinema negro feminino como prática estética, política e pedagógica.

Tabela 4 - Produções selecionadas de Viviane Ferreira (2008 - 2023)

Ano	Título da obra	Comentários
2008	Dê sua ideia, debata	Primeiro curta; aborda escuta e partilha como ferramentas de transformação.
2009	Marcha Noturna	Curta com foco em deslocamentos sociais e resistência.
2009	Festa da Mãe Negra	Celebração e espiritualidade negra em linguagem poética.
2010	Mumbi 7 Cenas pós Burkina	Diálogos com a ancestralidade e a diáspora africana.
2011	Jennifer	Atuou na produção.
2012	Samba de Cururuquara	Atuou na produção.
2014	O Dia de Jerusa	Curta que originou o longa; narrativa sensível sobre encontro de gerações.
2014	Peregrinação	Curtas que tensionam corpo, território e fé.
2017	O Som do Silêncio	Atuou na produção.
2017	Dara: A Primeira Vez Que Foi ao Céu	Atuou na produção.
2018	Simone: Estórias em Estação de Transferência	Atuou na produção.
2019	Pessoas – Contar para viver	Curtas sobre oralidade e o registro da experiência negra.
2019	Mato Adentro	Atuou na produção.
2020	Um Dia com Jerusa	Longa-metragem protagonizado por Léa Garcia; celebra afetos e ancestralidade no cotidiano de mulheres negras.
2022	Ó Paí, Ó 2	Dirigiu a sequência do filme de 2007, abordando questões sociais e culturais da comunidade negra em Salvador.
2023	Família de Sorte	Longa-metragem de comédia dramática que mistura humor, questões sociais e a relação dos brasileiros com os realities shows.

Fonte: Elaborado pelo autor (Dutra, 2025)

Figura 03: Imagem de Edileuza Penha de Souza



Reprodução fotográfica: Thais Mallon/A Gazeta

Essa filmografia reflete o gesto contínuo de Viviane Ferreira em tensionar a linguagem cinematográfica, insurgir contra apagamentos e afirmar novas narrativas negras. Seus filmes são travessias poéticas, políticas e pedagógicas. Assim, se Viviane Ferreira nos mostra a urgência de ocupar o agora, Edileuza Penha de Souza nos lembra que o tempo da mulher negra é outro — e que florescer também pode ser tardio, sereno e profundo.

Edileuza Penha de Souza nasceu no Espírito Santo e chegou à direção de cinema aos 60 anos, depois de uma longa trajetória como professora, pesquisadora e curadora. Sua vida é feita de travessias — entre a educação, o cinema e o desejo de ver mulheres negras contarem suas próprias histórias. Criadora da Mostra Adélia Sampaio e autora de uma obra que mistura afeto, política e ancestralidade, a cineasta sempre mostra que nunca é tarde para florescer. Com firmeza e doçura, faz do cinema um lugar de memória, presença e reexistência e suas obras refletem essas posturas éticas:

Tabela 5 - Produções selecionadas de Edileuza Penha de Souza (2013 - 2023)

Ano	Título da obra / ação	Comentários
2013	Cinema na Panela de Barro: mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade (Tese)	Obra teórico-afetiva que articula narrativas de amor e identidade com estética negra.
2014	Teresa	Curta-metragem premiado; co-produção entre Brasil, Cuba, México e Venezuela.
2014	Mulheres de Barro	Documentário sobre mulheres paneleiras de Goiabeiras Velhas, Espírito Santo; premiado no

		Festival de Avanca, Portugal.
2016	Mostra Competitiva Adélia Sampaio	Atuou na produção e curadoria da primeira mostra competitiva dedicada exclusivamente a mulheres negras cineastas.
2019	Filhas de Lavadeiras	Documentário baseado na obra de Maria Helena Vargas; premiado na 25ª edição do Festival É Tudo Verdade e no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro.
2019	Mulheres Negras: Cinema é Coisa Nossa!	Participação no videodocumentário; defesa da visibilidade, memória e espiritualidade negra.
2020	Curadoria em festivais e eventos	Participações recorrentes como curadora, jurada e debatedora em festivais de cinema negro, incluindo o Festival de Cinema do Paranoá (DF) e a Mostra de Cinema da Cova, em Lisboa.
2023	Vão das Almas	Filme premiado com Melhor Direção no Festival de Vitória de 2024; destaca a vida em comunidades quilombolas.

Fonte: Elaborado pelo autor (Dutra, 2025)

Antes de se lançar como realizadora, Edileuza Penha de Souza atuou como educadora e pesquisadora da Universidade de Brasília (UnB), onde contribuiu de maneira decisiva para os estudos sobre cinema negro, educação das relações étnico-raciais e pedagogias afroreferenciadas. Sua tese *Cinema na Panela de Barro: mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade* (2013) se consolidou como um marco teórico e afetivo, articulando estéticas negras com narrativas sensíveis sobre o amor, o corpo e o pertencimento. Não se trata apenas de uma análise de filmes, mas de uma verdadeira escrevivência teórica que mistura afeto, política e ancestralidade.

Edileuza Penha de Souza entende a curadoria como um gesto de afeto, política e pedagogia. Escolher um filme, uma diretora, uma imagem — para ela, é escolher também o que se deseja visibilizar, preservar e fazer ecoar. Foi com essa intenção que idealizou, em 2016, a Mostra Competitiva de Cinema Negro Adélia Sampaio, um espaço de celebração, afirmação e insurgência. Ao batizar a mostra com o nome de Adélia — cineasta historicamente silenciada pelo campo cinematográfico —, Edileuza Penha de Souza não apenas homenageia, mas reinscreve uma linhagem: a de mulheres negras que transformam silêncio em linguagem, ausência em presença.

Em suas palavras no videodocumentário *Mulheres Negras: Cinema é Coisa Nossa!* (Canal Preto, 2019), ela afirma com firmeza e doçura: “não é mais possível essa invisibilidade de cineastas negras dentro de nenhuma pesquisa”. Sua fala reverbera como sentença e semente — atravessa os ouvidos, finca-se no corpo e insiste em descolonizar olhares. Ao articular teoria, curadoria e militância, Edileuza Penha de Souza constrói espaços onde o cinema deixa de ser vitrine para se tornar encruzilhada, terreiro e partilha.

A trajetória de Edileuza Penha de Souza é, antes de tudo, uma travessia bordada em resistência e cuidado. Sua escrevivência não se limita à palavra: ela se derrama em filmes, curadorias, textos, encontros — em gestos que nascem da escuta atenta e do compromisso com o reencantamento das narrativas negras. Cada obra, cada fala, cada cena que constrói é um fio tecido contra o apagamento, uma oferenda contra o epistemicídio, uma aposta em futuros onde a dignidade não seja exceção, mas base.

Ideias para inacabar

Este artigo nasceu do desejo de entrelaçar saberes, vozes e imagens no pano áspero da formação docente, rasgando silêncios da academia com linhas de memória, reexistência e afeto. Ao investigar o cinema negro feminino como dispositivo de formação, sustentamos que suas escrevivências audiovisuais operam não apenas como expressão estética, mas como potência epistêmica, ética e pedagógica na construção de práticas antirracistas, antissexistas e afroreferenciadas.

Mais do que representar, essas imagens tensionam o currículo, desestabilizam narrativas hegemônicas e instauram outras possibilidades de ensinar, aprender e existir. Nesse sentido, sua incorporação na formação docente não pode ocorrer de forma pontual ou folclorizada, mas como prática contínua de deslocamento, escuta e transformação.

Conforme apontado, tais obras se configuram como recursos pedagógicos potentes ao: i) problematizar criticamente o racismo e o sexismo; ii) visibilizar saberes historicamente silenciados; iii) fortalecer identidades e pertencimentos; iv) promover experiências formativas baseadas na escuta, no afeto e na construção coletiva de sentidos.

Para além das análises aqui desenvolvidas, este trabalho propõe um compromisso: que a educação se deixe atravessar pelas imagens, vozes e escrevivências das mulheres negras. Como desdobramento, sugerimos: i) estudos de caso sobre práticas pedagógicas com filmes dirigidos por mulheres negras; ii) produção de materiais didáticos e curadorias afrorreferenciadas; iii) investigações sobre os impactos dessas obras na formação crítica de educadores/as; iv) parcerias entre universidade e territórios culturais periféricos.

Almejamos, assim, que os espaços de formação docente se afirmem como territórios de escuta e acolhimento de epistemologias diversas. Que a pesquisa acadêmica avance sobre esse campo ainda pouco explorado — não como lacuna a ser preenchida, mas como potência a ser reconhecida.

Como nos lembra Conceição Evaristo (2018), “nossos passos vêm de longe”. É a partir desse longe — ancestral, negro, feminino — que seguimos costurando imagens, palavras e futuros. Que cada projeção seja um gesto de reexistência. Que cada imagem bordada na tela sustente o tecido da educação que desejamos: mais justa, plural, amorosa e viva.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Kellynia Farias. *A didática afrorreferenciada entra na roda: experiências com EJA e formação de professores*. In: SEMINÁRIO ARTEFATOS DA CULTURA NEGRA. AFROBRASILIDADES: CULTURA, RELIGIOSIDADE E EDUCAÇÃO, 7., 19 a 23 de setembro de 2016, Crato(CE), Juazeiro do Norte (CE), Bodocó (PE). Anais... Juazeiro do Norte (CE): Universidade Regional do Cariri, 2016. p. 470-479.
- CANAL PRETO. *Mulheres Negras: Cinema é Coisa Nossa!*. Brasil, 2019. 6 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LW0DK6bP2c0>. Acesso em: 30 mar. 2025.
- CARNEIRO, Sueli. (2023), *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro, Zahar.
- DUTRA, Thiago Renan Figueira. *Cinema negro em cena: vozes-mulheres tecendo uma pedagogia afrorreferenciada e transgressora*. 2025. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, 2025.
- EVARISTO, Conceição. *Conceição Evaristo: 'Falar sobre preconceito racial no Brasil é derrubar o mito de democracia racial'*. Entrevista concedida a Fernanda Canofre para o Sul 21, Maio de 2018b. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas->

noticias/geral/2018/05/conceicao-evaristo-falar-sobre-preconceito-racial-no-brasil-e-derrubar-o-mito-de-democracia-racial/. Acesso em: 05 maio 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

hooks, bell. *Teaching to transgress: education as the practice of freedom*. New York: Routledge, 1994.

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2017.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Compreender/mediar a formação: o fundante da educação*. São Paulo: Cortez, 2010.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia Africana tecendo saberes ancestrais e encantados: conhecimento afrorreferenciado. In: Lucas Súllivam Marques Leite... [et al.] (Orgs.). *Ensino e Formação: novas perspectivas para o cotidiano*. Mossoró – RN: EDUERN, 2018.

PETIT, Sandra. *Práticas Pedagógicas para a Lei Nº 10.639/2003: a criação de nova abordagem de formação na perspectiva das africanidades*. In: Educ. Foco, Juiz de Fora, v.21, n.3, p. 657-684, set. / dez. 2016.

Recebido em: 21/01/2026

Aceito em: 21/04/2026